



Memórias de René Descartes ou a poética do desvario?

Veronica Filíppovna*

Em um breve artigo presente à segunda edição de *Catatau*, Paulo Leminski levanta uma crítica à experiência moderna de pensamento, na qual “a informação máxima coincide com a redundância máxima” (1989, 272). Ávido por superar a doutrina ôntica do conhecimento preconizada não por Platão, mas pelo platonismo, e que teve sua derrocada com o advento da filosofia moderna iniciada com René Descartes a partir da publicação do *Discurso do método*, Leminski sugere uma travessia da experiência de pensamento essencialista a uma experiência no pensamento essencial. Entretanto, não pretende inaugurar um novo templo para a verdade, tampouco fomentar a mixórdia entre pensamento essencialista e pensamento essencial. Para além e aquém de toda a teoria e informação, todo o conhecimento e disciplina, também não tenciona elaborar novas metodologias, mas requisitar um empenho de pensamento no qual a essência da sabedoria se compagine no espantar e no dizer.

Para compreender a tese de que a informação máxima coincide com a redundância máxima, faz-se necessário estabelecer um diálogo com o que está sendo dito em *Catatau*. Todavia, não estamos diante de um livro fácil. A começar pelo título, pela ausência de capítulos, pelo fluxo contínuo dos eventos narrados. Em uma primeira leitura, temos a sensação de que a obra está o tempo

* Graduanda em Letras (UFRJ).

todo nos dizendo: “se achar que falo escuro não mo tache, porque o tempo anda carregado; acenda uma candeia no entendimento” (Andrade, s. d.). Ora, *Catatau* rompe definitivamente com a forma tradicional de romance. Exige dos seus leitores um cuidado com a escuta da linguagem. Não a linguagem conceitual e instrumental, e sim a poética.

E como isto se dá?

Ao desembarcar com a nau de Maurício de Nassau no Brasil, o filósofo das ideias claras e retilíneas, do rigor e entendimento apolíneo, da certeza e precisão sente-se confuso. Os valores precocizados pelo método dubitativo são trazidos à baila. Chega-se até mesmo a duvidar da dúvida. Há um ruir de conceitos, uma ruptura com a causalidade dos acontecimentos. A ideia de subjetividade e a supremacia da razão são abaladas. Entregue ao impacto do Novo Mundo, passa de descritor a auditor da vida em acontecência. Daí dizer que é tão-somente como poeta e não mais como filósofo que se lança em um “labirinto de enganos deleitáveis” (p. 14). Ao que parece, manifesta-se em Descartes uma abertura, ou seja, uma disponibilidade para o aceno do sentido poético-ontológico da existência. Entretanto, mais que inquietação, essa disponibilidade implica a construção de uma dor ontológica na qual sustém uma verdade que apenas “é”. O desejo de saber e não o contentamento com aquilo que lhe foi dado configura, portanto, sua viagem.

É preciso esclarecer que a suposta viagem de Descartes aos trópicos em momento algum assume caráter quixotesco. O que se verifica é a presença de uma angústia latejante que não cessa de crescer. Talvez seja justamente essa angústia que nos dê a sensação de estarmos diante de uma obra obscura, dementada. Mas não! *Catatau* nada apresenta de confuso. O fluxo contínuo de ideias

evidencia tanto uma autorreflexão quanto uma crítica aos valores propugnados pela tradição hegemônica de pensamento. Certezas são questionadas. Paradigmas são postos em questão. Por convocar a reconciliação do homem consigo mesmo e não descrever as possíveis memórias do pensador francês nos trópicos é que a obra nos inquieta.

Leminski nos chama a atenção para o fato de que homem e mundo constituem acenos de um mesmo jogo. Não são instâncias apartadas, mas acontecimentos inaugurais que se dispõem tanto no ser do homem quanto no ser do mundo. Homem mundifica e mundo humaniza. Mas não se trata da mera passagem de um estágio a outro. O jogo entre homem e mundo somente é possível na medida em que se manifesta uma abertura para o inefável, o ordinário das coisas.

Entretanto, o olhar voltado para dentro não é capaz de ver a si mesmo. A clausura da subjetividade silencia a reciprocidade de homem e mundo. Contudo, o que singulariza o modo de ser do homem e o modo de ser do mundo é a referência homem-mundo. Para alcançá-la faz-se necessária a superação da dicotomia entre *res cogitans* e *res extensa*. Uma vez suspensa essa dicotomia, irrompe o mistério do próprio ser. Lançado, portanto, no silente jogo entre homem e mundo, Descartes diz: “quer eu esteja acordado, quer esteja dormindo, dois mais três formarão sempre o número cinco e o quadrado nunca terá mais do que quatro lados” (Descartes: 1991, 169). “Penso, mas não compensa” (Leminski: 1989, 13), pois “todos os ramos do saber humano me enforcaram” (p. 28). Será que “vão pôr à prova minha objetividade”? (p. 87). Ao que parece, um mar de ideias invade seus pensamentos, deixando-o totalmente apartado de si mesmo (p. 183). Será a crise do sujeito moderno? Nos

trópicos, o pasmo do pensador decorre de que o viver não clama por regras; já que a áurea luz da razão e do entendimento refulge porque antes de ser iluminada ela é já, e desde sempre, treveluz.

Se, porém, “cresce de salto o sol na árvore” (p. 15) e “tira uma pestana ao sol uma jiboia que é só borboletas” de modo que os “bichos bichando” (p. 14) “zombam dos sábios” (p. 35), o que foi feito da evidência da razão? A subjetividade objetivada do método cartesiano não mais se sustém? “Cada tabefe, um cacete”. “O rio está roendo a pedra até entupir o leite” (p. 156) e, enquanto isso, “coisas rolam, transformam-se sem sair do lugar” (p. 32). Como seguir os preceitos da Lógica?

Este mundo é o lugar do desvario, a justa razão aqui delira. Pinta tanto anjo quanto em ponta de agulha bizantina, a insistência irritante desses sistemazinhos nervosos em obstar uma Ideia! Nunca se acaba de pasmar bastante, novo pânico põe fora de ação o pensamento... O senhor vai assim por toda a vida e termina a vida por aí (p. 17).

“O que foi feito da evidência da razão? O que é a razão? E mais: o que o pai da Modernidade veio fazer aqui afinal?” (p. 61). Ora, o que move todo e qualquer homem é justamente sua sede de saber. Persuadido, não pela busca de conhecimentos *a priori*, mas pela procura da sabedoria, imerge no calor dos trópicos e observa que a experiência essencialista de pensamento é enganosa. Todas as suas certezas se desfazem semelhantes às folhas secas e opacas que silenciosamente desfolham as árvores no ocaso das tardes outonais. Os quatro princípios metodológicos¹ caem por terra, concla-

¹ Na primeira parte do *Discurso do método*, Descartes julga necessário o emprego de quatro preceitos lógicos capazes de assegurar a validade do seu método dedutivo. São eles: não

mando, assim, um novo horizonte de mundo, verdade e sentido no qual a vida nascente não cessa de morrer e a morte morrente não cessa de nascer. É entregue ao *pólemos* entre o sagrado e o profano que Descartes se abre para a poética do desvario.

Acocorado no chão e quiçá com um coto de cigarro perdido no canto da boca, seus pensamentos dispersos e envoltos em uma excessiva fumaça azul deixam-no boquiaberto de espanto. Mais parecendo “um homem sozinho” (p. 65), prossegue:

Sabe com quem estão falando?
Cultivei meu ser,
fiz-me pouco a pouco:
construí-me.
Letras me nutriram
desde a infância mamei
nos compêndios e me abebedei
das noções das nações
manuseei manuais e vasculhei tomos...
em decifrar enigmas fui Édipo,
em rolar cogitações Sísifo...
Lanterna à mão,
bati à porta dos volumes
mendigando-lhes o senso.
E nas noites escuras
das bibliotecas iluminava-me
o céu e a luz dos asterísticos (p. 28).²

julgar antes de ter alcançado a evidência (evitar a precipitação) e prevenir-se contra juízos obscuros e imprecisos; dividir as dificuldades encontradas o tanto quanto puder a fim de simplificá-las; ordenar os pensamentos de modo a examinar primeiro os objetos mais simples até atingir os de maior complexidade; e, por último, realizar em todas as etapas enumerações completas e revisão geral, certificando-se de que nada foi omitido (1991, 49-50).

² Para fins de destaque, este trecho de *Catatau* foi reorganizado na forma de poema.

Inútil esperar que alguém lhe responda. A única pessoa que talvez pudesse ajudá-lo a ultrapassar todos os hábitos e certezas conceituais não está presente. Todavia, é entregue à espera de uma ausência que seus solilóquios soam como um horizonte de reflexão capaz de beirar o peripatético. Sim, o peripatético! Tomado pelo *páthos*, pela paixão, deixa-se lançar não no isolamento, mas tão-somente na misteriosa solidão dos trópicos. Sozinho e entregue a si mesmo, recolhido no silêncio e na contemplação, experimenta o desvelo de cada coisa na acontecência de sua singularidade. Continuamente, descerrava diante de seus olhos um mundo até então encoberto. Mas isso não era o bastante. Descoberta maior era saber que estava vivo e que suas veias vertiam sangue. Um sangue tão quente quanto o calor que emanava da terra.

Ah, a misteriosa terra. Tão cultuada e cultivada no calor e na efervescência de um mundo em incessante gestação, porém completamente esquecida no frio e na parca acomodação de solos não tropicais.

É evidente que em determinadas circunstâncias o exercício da razão pode construir estradas, erguer pontes, abrir portas e estender janelas. Contudo, o vento que corre nessa construção corre parado. Carregado pelo abandono e perdido no desalento das noites frias, guarda nas costas a mochila do profano, da imanência e da interioridade. A ânsia de afirmar-se como sujeito da vontade e da subjetividade faz com que o homem caia em um esquecimento do humano, perdendo-se, assim, no fracasso do humanismo. Dar um salto para uma margem que ultrapasse todo o humanismo é o que deseja Descartes. Entretanto, esse deixar acontecer em uma margem inaugural de pensamento nunca foi, é ou será uma “inscrição sabida de cor” (p. 188). Essa margem inaugural de pensamento é como

sugere o belíssimo haikai, presente no livro *Trilha estreita ao confim*, de Basho, um voo no extraordinário a eclodir no ordinário, é um

descanso tranquilo
na suave morada
do cristalino ar (1997, 50).

Infelizmente, faltam-nos coragem e solidão para nos entregarmos à orgia dos acontecimentos inacontecíveis. Aquela música surda que envolve tanto corpo quanto espírito em uma dança envolvente e ritmada deixou de ser para nós uma questão inaugural. Passou a algo demasiado essencialista. “Descanso tranquilo/ na suave morada/ do cristalino ar” já não é mais apropriado ao homem, embora esteja sempre a vicejar. Onde repousa o silêncio abissal que mudo sibila no ar? A efervescência das coisas jorrando em uma brotação incessante desfaz a razão. As núpcias telúrico-somáticas de caos e cosmos tecem e entretecem cânticos dínamos que não se permitem explicar. No entanto, não compreendemos. Fingimos habitar no inabitável. Fechamos os olhos para o inacontecível. Repousamos no vazio. E por quê? Porque nada. Descanso tranquilo na suave morada não é o que se diz, mas o cristalino ar que recolhido em silêncio se permite dizer.

Sejamos descanso tranquilo, então. Repousemos na serenidade vigente das coisas. Somente entregue ao mais profundo silêncio que repousa na latência das coisas é que desistimos de querer modificá-las, ajustá-las. Passamos a sê-las. Ser coisa, contudo, não significa atribuir nome. Significa apreender da própria coisa o que de fato ela é. Porque a coisa em se dizendo constitui sempre força de nomeação, ou seja, dá-se como abertura de mundo e mundo não

requisita razão. Mundo não representa nada. Não quer enunciar nada. Também não é o que vemos e sentimos: acontece.

Ah, quão árduo compreender que mundo acontece...

Por querer determinar o que somos e não somos deixamos de singularizar nosso destino histórico e perdemos nossa conjuntura essencial. Rigorosos na forma e indiferentes ao vigor da não-forma, nos distanciando da proximidade com as coisas. Buscamos sempre um fundamento que sustente nossas escolhas, justificando, assim, nosso modo de ser. Ora, a vida não clama por regras. Não se resume a algo exterior ou interior. “A vida tem que carecer de razão de maneira constante e inevitável” (Nietzsche: 1996, 20) a ponto de nela penetrarmos e nos fundirmos em sua energia plenificante. Carência de razão, contudo, não quer dizer falta, e sim repouso no doce-amargo mistério que enlaça o lume de nós mesmos. Porque sozinha, a razão não é capaz de dar conta do humano do homem.

É assim que a dimensão poética de *Catatau* aponta a aflição de um homem estupefato diante do sentido inaugural da existência. Através da construção de pequenos haikais – digo haikais em um fluxo contínuo –, Leminski narra as aventuras e desventuras de Descartes nos trópicos. Todas as certezas são questionadas. Todos os paradigmas são suspensos. Até mesmo o *cogito ergo sum* é posto em questão. Diante de um conflito poético-ontológico um mar de ideias invade seus pensamentos, deixando-o, portanto, apartado de si mesmo e da sua própria vida (1989, 183). Em vários instantes de pensamento chega a rejeitar o estatuto de reprodutor das formas concisas e evidentes, passando, assim, a auditor da sua própria existência.

Talvez se Descartes tivesse o conhecimento dos trópicos antes de elaborar o *Discurso do método*, não teria elegido a dúvida como fundamento da sua teoria do conhecimento. Não teria chegado

à conclusão de que “a razão é um instrumento universal e que pode servir em todas as espécies de circunstâncias” (1991, 60). Ou mais:

Quer estejamos em vigília, quer dormindo, nunca devemos nos deixar persuadir senão pela evidência da razão. E deve-se observar que digo de nossa razão e de modo algum de nossa imaginação, ou de nossos sentidos.

Porque, embora vejamos o sol mui claramente, não devemos julgar isso que ele seja, apenas, da grandeza do que vemos... todas as nossas ideias e ou noções devem ter algum fundamento de verdade (p. 50-1).

Até que ponto a verdade dá-se a partir de uma construção lógica? Por que devemos duvidar dos dados do sentido? É o mundo exterior uma mera alucinação? Até que ponto a condição do conhecimento incide na dúvida? Para que o homem duvida? O que significa duvidar? É certo que para duvidar de tudo preciso não duvidar de que duvido? Responder tais perguntas, no entanto, não constitui tarefa fácil. Não podemos elaborar respostas imediatas. É necessário um empenho de pensamento que nos conduza ao pasmo, à inquietação de nunca aceitar a realidade como sendo o dado. Pasma esse que nos lança em um abismo de questões.

Para além e aquém dos conceitos e das normas, do rigor e das formas, o sentido e a verdade do que somos, e não somos homem, constituem sempre um acontecer. O homem é travessia. E a viagem de Descartes retratada por Leminski é mais que uma peripécia. É um convite à reflexão da finitude da própria existência.

Referências

- ANDRADE, Oswald. *Memórias sentimentais de João Miramar*. Rio de Janeiro: Record, s. d.
- BASHO. *Trilha estreita ao confim*. Trad. de Kimi Takenaka e Alberto Marsicano. São Paulo: Iluminuras, 1997.
- DESCARTES, René. “Discurso do método”. In: *Descartes*. Coleção “Os pensadores”. São Paulo: Abril Cultural, 1991.
- LEMINSKI, Paulo. *Catatau*. Porto Alegre: Sulina, 1989.
- NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *O nascimento da tragédia, ou helenismo e pessimismo*. São Paulo: Companhia da Letras, 1992.